

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-05-19

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Marat-Mendes, T. & Anastácio, M. A. (2015). A morfologia urbana na arquitetura em Portugal. Notas sobre uma abordagem tipo-morfológica. In Vítor Oliveira, Teresa Marat-Mendes, Paulo Pinho (Ed.), *O estudo da forma urbana em Portugal*. (pp. 65-94). Porto: Universidade do Porto Press.

Further information on publisher's website:

<https://www.up.pt/press/books/978-989-746-064-7>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Marat-Mendes, T. & Anastácio, M. A. (2015). A morfologia urbana na arquitetura em Portugal. Notas sobre uma abordagem tipo-morfológica. In Vítor Oliveira, Teresa Marat-Mendes, Paulo Pinho (Ed.), *O estudo da forma urbana em Portugal*. (pp. 65-94). Porto: Universidade do Porto Press.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

A Morfologia Urbana na Arquitetura em Portugal

Notas sobre uma abordagem tipo-morfológica

Teresa Marat-Mendes, Maria Amélia Cabrita

Instituto Universitário de Lisboa ISCTE-IUL, DINÂMIA'CET-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Av. Das Forças Armadas 1649-026 Lisboa, Telefone/fax: 00 21 7903000 / 00 21 796 47 10

teresa.marat-mendes@iscte.pt

O presente capítulo aborda a relação entre a Morfologia Urbana e a Arquitetura, no contexto Português, com especial enfoque na tipo-morfologia. O capítulo estrutura-se em três partes. Na primeira parte, *Morfologia Urbana, Tipo-morfologia e o Estudo do Habitat*, definem-se os principais conceitos em análise e contextualiza-se o interesse do estudo da tipo-morfologia no âmbito do estudo do *Habitat*. A segunda parte, *Inquéritos ao Habitat Rural*, avalia os contributos de uma prática de realização de inquéritos ao *habitat* rural na estruturação de métodos de análise tipo-morfológica, com raízes numa Geografia dos Assentamentos. Delimita-se a linha de pensamento tipo-morfológica, de raiz francesa, fortemente influenciada pela Geografia de Assentamentos que aqui identificamos e que teve repercussões em Portugal. A terceira parte, o *Inquérito à Arquitetura Regional*, promove uma análise ao Inquérito à Arquitetura Regional conduzido pelo Sindicato dos Arquitetos Portugueses, nos anos 50 do séc. XX, revelando-se no âmbito da Arquitetura em Portugal uma primeira tentativa de sistematização tipo-morfológica da Arquitetura Popular.

Palavras-chave: Morfologia Urbana, Tipo-Morfologia, Inquérito à Arquitetura Regional, Geografia dos Assentamentos, Portugal.

Introdução

É objetivo deste capítulo contribuir para o estudo da Morfologia Urbana em Portugal promovendo um olhar crítico, desde o âmbito da Arquitetura. Pretende-se demonstrar a pertinência da relação entre o estudo do *habitat* rural e a análise tipo-morfológica, conforme desenvolvida pelos arquitetos portugueses por ocasião da realização do Inquérito à Arquitetura Regional, conduzido pelo Sindicato dos Arquitetos Portugueses, em 1955. É da análise desta relação que ressalta a presença, no contexto da Arquitetura Portuguesa do séc. XX, de um exercício de aproximação a uma sistematização tipológica da Arquitetura Popular, que julgamos importante revelar e discutir. No sentido de fundamentar essa análise, o presente capítulo estabelece: (i) uma caracterização do contexto teórico e dos modelos de análise tipo-morfológica, à época em que o Inquérito à Arquitetura Regional em Portugal foi realizado, nomeadamente no que concerne ao estudo do *Habitat Rural*; (ii) a confirmação da existência de princípios tipo-morfológicos em Portugal durante a década de 40 do séc. XX, oriundos de uma Geografia dos Assentamentos, com origem numa corrente francesa de Geografia Humana, através da divulgação dos escritos de Albert Demangeon, por influência dos geógrafos portugueses.

No sentido de assegurar o cumprimento dos objetivos atrás enunciados este capítulo encontra-se estruturado em três partes. Numa primeira parte oferece-se uma contextualização do estudo da Forma Urbana, internacionalmente mas também em Portugal, procurando-se delimitar a linha de análise tipomorfológica, que aqui é exposta e que não foi ainda substancialmente analisada da mesma forma que as três escolas de Morfologia Urbana reconhecidas pelo *International Seminar on Urban Form* (ISUF). Na segunda parte analisam-se os contributos dessa linha tipo-morfológica, com origem francesa na Geografia dos Assentamentos, através da análise e confronto de Inquéritos ao *Habitat Rural* realizados em Portugal. A terceira e última parte, desenvolve uma análise do inquérito à Arquitetura Regional. Identificam-se as metodologias de inquérito e de levantamentos seguidas pelos arquitetos, bem como os critérios utilizados que permitiram assegurar uma primeira aproximação à análise tipo-morfológica, conforme preconizada pelo presente capítulo.

I. Morfologia Urbana, Tipo-Morfologia e o Estudo do Habitat.

O estudo da Forma Urbana, ou Morfologia Urbana, conforme usualmente designado, foi reconhecido como área de conhecimento científico através da fundação do ISUF, *International Seminar on Urban Form*, aquando da realização da sua primeira conferência, em 1994, em Lausanne, na Suíça, na presença de 23 morfologistas, que na sua maioria eram arquitetos e geógrafos, oriundos de cinco países distintos (Whitehand, 2001). Nessa conferência foi atribuída especial atenção a três abordagens morfológicas, oriundas de três países distintos, que viriam a conferir as seguintes designações de Escolas: Inglesa, Italiana e Francesa. Respetivamente, as Escolas de (1) M. R. G. Conzen; (2) Saverio Muratori; e (3) Versailles com J. Castex, P. Peneai e J.C. Depaule (Moudon, 1997). A escola inglesa resultava, todavia de uma origem alemã, nomeadamente por via de uma formação em Geografia, História e Filosofia obtida na Alemanha mas complementada por uma formação em Planeamento Urbano e Territorial, na Inglaterra (Conzen, 2004).

Cada uma destas três escolas promoveu o estabelecimento da Morfologia Urbana, enquanto área de conhecimento científico, ancorada em contributos de diferentes origens disciplinares, tais como a História, a Geografia e a Arquitetura, entre outros; apoiadas por distintas abordagens metodológicas, mas também realidades geográficas, linguísticas e culturais próprias.

A este respeito, sublinhe-se o interesse manifestado por alguns investigadores, no que concerne ao estabelecimento de campos de interesse comuns às três escolas atrás identificadas. Nomeadamente através de: (i) Whitehand (2007) ao referir a vantagem na aproximação entre a Escola de Conzen e a Escola de Muratori para o aprofundamento do estudo morfológico da região, através da importação do conceito de 'tecido' por via da disciplina de Arquitetura para benefício da própria disciplina de Geografia; e também (ii) Moudon (1994) ao identificar para as três escolas uma linha de pensamento tipo-morfológica comum, defendendo ao mesmo tempo que, até 1994, estas três escolas não haviam estabelecido quaisquer contatos entre elas, apoiando-se em Choay e Merlin (1986) e Whitehand e Larkman (1992). Entenda-se por tipo-

Morfologia o estudo da forma física das cidades que explica a produção dos Habitats Humanos (Moudon, 1989).

É precisamente sobre esta linha de pensamento tipo-morfológica exposta por Moudon (1994) para as três escolas de Morfologia Urbana aqui identificadas e na importância do conhecimento adquirido pelo confronto entre diferentes áreas científicas, nomeadamente a Arquitetura e a Geografia, conforme exposto por Whitehand (2007), que avaliamos ser a mesma pertinente para a análise da relação entre Morfologia Urbana e Arquitetura no contexto Português. Pretendemos assim alargar a leitura promovida por Moudon (1989, 1994) no que concerne à delimitação das origens geográficas e temporais das abordagens tipo-morfológicas que esta autora situa (i) na Alemanha nas primeiras décadas do séc. XX (através de M. R. G. Conzen), (ii) na Itália dos anos 40 do séc. XX (através de S. Muratori) e em (iii) França apenas nos anos 60 do séc. XX (através da escola de Versailles). Assim, através da análise da relação entre Morfologia Urbana e Arquitetura no contexto português, revela-se a emergência de uma linha de pensamento tipo-morfológica, que surge também por via da Geografia Humana, tal como indicada por M. R. G. Conzen, mas cujas raízes se situam, todavia numa corrente francesa que recua ao séc. XIX. Esta linha de pensamento tipo-morfológica é, portanto anterior à linha tipo-morfológica, de raiz francesa, identificada por Moudon (1994). A sua origem é contemporânea à corrente de pensamento morfológica, de origem germânica, identificada por Whitehand (2007, 2012), Gauthiez (2004), Heineberg (2006) e Stone (1965), cujo principal precursor foi o geógrafo Otto Schlüter (1872-1959). A linha de pensamento tipo-morfológica, que aqui identificamos, com raízes no séc. XIX, assente numa Geografia dos Assentamentos francesa, encontrou em Paul Vidal de la Blanche (1845-1918) o seu grande precursor e em Albert Demangeon (1872-1940) o seu primeiro líder (Stone, 1965). O geógrafo francês Albert Demangeon desenvolveu uma Geografia do *Habitat Rural* (Demangeon, 1920, 1927), a quem Stone (1965) atribui influência estratégica no reconhecimento internacional de uma Geografia dos Assentamentos e no estímulo à formação da primeira comissão do estudo do *Habitat Rural* promovido pela União Internacional de Geografia, no Congresso que teve lugar no Cairo em 1925.

É precisamente nas bases teóricas e metodológicas que informaram uma Geografia dos Assentamentos, conforme desenvolvida por Albert Demangeon e alguns dos seus seguidores, incluindo o geógrafo português Orlando Ribeiro (1911-1997), que o presente capítulo revê a pertinência de analisar o desenvolvimento da tipo-morfologia em Portugal. Neste sentido, avalia-se o grau de assimilação dessas bases metodológicas pela própria Arquitetura, a partir de uma análise promovida pelas autoras deste capítulo ao trabalho produzido no Inquérito à Arquitetura Regional, realizado na década de 50 do séc. XX, perante os elementos disponibilizados na obra publicada pelo Sindicato Nacional dos Arquitetos, como resultado daquele Inquérito e que tem por título “Arquitetura Popular em Portugal” e cuja primeira edição data de 1961 (AAP, 1980).

Entendemos aqui por *Habitat* o conjunto dos fenómenos associados à ocupação antrópica do território, nas suas vertentes económicas, sociais, culturais e históricas, indissociáveis da respectiva conformação e evolução física e material, incluindo as várias escalas daquela ocupação, da construção mais elementar à

agregação mais complexa, a cidade. Conforme referido por Moudon (1989) o *Habitat* Humano está na génese e no cerne do processo de urbanização. Expressa fisicamente o culminar de diferentes atividades económicas, construtivas, mas também de opções de projeto. Nesse sentido, a tipo-morfologia constitui uma ferramenta útil para explicitar o processo de produção do ambiente construído através de uma classificação sistematizada dos elementos que estruturam a forma física dos assentamentos, ao longo do tempo. A sua utilidade revê-se ainda no entendimento das dinâmicas que operam sobre os *habitats* humanos. É nesse sentido que pretendemos identificar, por via da Arquitetura, nomeadamente através do Estudo do *Habitat* Rural promovido em 1955 no âmbito do Inquérito à Arquitetura Regional, preocupações de ordem tipomorfológica presentes também nos modelos de inquérito e inquéritos desenvolvidos pelos Geógrafos portugueses e franceses na primeira metade do século XX.

É, sobretudo, nas décadas de 40 e 50 do século XX que identificamos um interesse generalizado pelo estudo do *Habitat* nas mais destacadas organizações internacionais de Arquitetura, incluindo o *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne* (CIAM) e a *Union Internationale des Architectes* (UIA) bem como nas principais agendas de organismos internacionais orientados para o desenvolvimento humano, incluindo as *United Nations* (UN, 1950) nomeadamente através da sua Comissão Económica para a Europa.

Em Portugal, o interesse pelo estudo do *habitat*, pelos arquitetos, é sobretudo evidente na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), a partir de 1953, através das iniciativas pedagógicas e trabalhos escolares que anteciparam o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (Moniz, 2011). A participação de uma equipa portuguesa no X Congresso dos CIAM, que teve lugar em Dubrovnik, em Agosto de 1956, composta pelos Arquitetos Viana de Lima, Fernando Távora e Octávio Lixa Filgueiras e com a colaboração do Eng. Napoleão Amorim e dos arquitetos estagiários Arnaldo Araújo e C. Carvalho Dias, evidencia também o interesse dos arquitetos portugueses no tema do *Habitat* Rural, e no seu ensejo em levá-lo a discutir junto das principais organizações de Arquitetura internacional (Lima et al, 1959). Por outro lado, já em 1951 Octávio Lixa Filgueiras havia defendido o seu Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA) na ESBAP, com o título "Urbanismo: Um tema rural". O tema do Urbanismo como um tema rural é então inédito na Academia Portuguesa, no âmbito da Arquitetura. No entanto, o desenvolvimento dos trabalhos académicos desenvolvidos na ESBAP preconiza uma nova prática metodológica e teórica de apoio ao próprio projeto de Arquitetura, que viria a ter reflexos aquando da realização do Inquérito à Arquitetura Regional e na sua publicação (Moniz, 2011).

Na sequência destes desenvolvimentos, pode concluir-se que a Arquitetura, quer internacionalmente, quer em Portugal, procurava (i) articular os seus objetivos temáticos e programáticos com os principais temas em análise pela UN (Deyong, 2011); (ii) chamar as UN a colaborar no esforço da construção da sua própria agenda, como por exemplo, na 'Carta do Habitat' (Glendinning, 2009), conforme ambicionado pelos CIAM e pela própria UIA. Saliente-se, todavia, que nenhuma destas organizações internacionais de Arquitetura, conforme defendido por Mumford (2000, p.268) chegou a definir o conceito de *Habitat* com a mesma exatidão com que definiram as quatro funções expressas na 'Carta de Atenas'.

2. Inquéritos ao *Habitat Rural*

A segunda parte deste capítulo promove, em primeiro lugar, uma análise da prática de Inquéritos ao *Habitat Rural*, realizados pelos Geógrafos Albert Demangeon e Orlando Ribeiroⁱⁱ e, em segundo lugar, expõe os princípios e os quadros classificativos resultantes das pesquisas tipológicas sobre o povoamento e a casa rural, dos dois geógrafos referidos e de Amorim Girãoⁱⁱⁱ, como contributo à estruturação de métodos de análise tipo-morfológica.

Procuramos, no confronto das propostas e conclusões dos três geógrafos, identificar a linha tipo-morfológica de Albert Demangeon, desenvolvida no âmbito da Geografia dos Assentamentos, sobretudo no que aos inquéritos diretamente respeita, mas atentando também nas propostas tipológicas de cada um. Amorim Girão funciona mais como referência, porque (i) é o geógrafo que, em Portugal, representa a transição da fase inicial da Geografia para uma atualização e integração científica internacional. O que vem a acontecer mais tarde, com Orlando Ribeiro, em diferentes condições; (ii) Amorim Girão e Orlando Ribeiro mantiveram contatos, pelo menos no regresso deste de Paris e a lecionar em Coimbra, precisamente quando o autor da Geografia de Portugal preparava a edição de 1941, incluindo nesta referências a Demangeon e Lefèvre, bem como fotografias cedidas por Orlando Ribeiro (Girão, 1941).

2.1. Os Inquéritos ao *Habitat Rural* de Albert Demangeon e Orlando Ribeiro

Albert Demangeon – Um modelo de Inquérito Internacional

Tendo em conta a formação francesa de Orlando Ribeiro, o seu relacionamento com Albert Demangeon (Daveau, 2008), bem como a sua participação nos Congressos da União Geográfica Internacional, a partir de 1938 (Amaral, 1968), propomo-nos um exercício de comparação entre o trabalho desenvolvido pelo geógrafo português e as propostas apresentadas por Albert Demangeon relativamente ao método dos inquéritos em Geografia Humana, com cujos resultados Orlando Ribeiro deve ter tomado contato, referindo algumas vezes este seu mestre^{iv}.

Entre 1909 e 1936 Albert Demangeon publica três artigos relacionados com o tema do habitat e do povoamento (peuplement) nos *Annales de Géographie*: “*Enquetes Regionales. Type de questionnaire*”, de 1909; “*Un Questionnaire sur l’Habitat Rural*”, de 1926; e “*Trois questionnaires et trois enquêtes de géographie humaine*”, de 1936.

O primeiro artigo, de 1909, é apresentado como um modelo de inquérito que Demangeon elaborou e pôe à disposição da comunidade científica. Era dirigido a quem conhecesse a região; dividido em seções, que vão das características do solo, clima, hidrografia, arborização, culturas, gado, até à indústria e comércio, propriedade e exploração, habitação, aglomerados e população, incluindo um grupo de questões sobre as designações populares das divisões territoriais (Demangeon, 1909, p.78-81). Trata-se portanto de um questionário de âmbito geográfico, que o autor tinha concebido e testado em 1906, segundo Wolff (2006), no qual Orlando Ribeiro (1938c) se vai basear para produzir o Inquérito de Geografia Regional, eventualmente o seu primeiro ensaio de inquérito.

O segundo artigo, de 1926, resulta da nomeação, pelo Comité Executivo da União Geográfica Internacional, de uma Comissão encarregada de estudar o problema do *habitat* rural, na sequência do Congresso do Cairo, em 1925, tendo em vista o Congresso seguinte, em 1928. Demangeon apresenta o seu *Questionnaire* como contributo de método e investigação, de acordo com renovação estratégica da União Geográfica Internacional (Martonne, 1925). Os objetivos eram: “*Estudo do problema do habitat rural. Procurar a origem e as causas da aglomeração ou da dispersão das habitações rurais: influência das condições naturais, influência das tradições étnicas, influência dos regimes de propriedade e de cultura*” e “*confia à sua Comissão o cuidado de redigir um questionário*” (Demangeon, 1926, p.289). O mesmo está assim estruturado: I- Definições; II- Origem dos tipos de habitat; III- Distribuição geográfica dos tipos de *habitat*; IV- O *habitat* rural e outros aspetos da Geografia Humana; Conclusão. Trata-se de um questionário prévio, preparatório de questionários concretos, pondo as questões de base sobre o tema.

No terceiro artigo, Demangeon (1936) propõe, no quadro de um Grupo de Estudos de Geografia Humana, estudar três problemas importantes da sociedade rural francesa, contribuindo com inquéritos específicos, sob a forma de questionários: (i) Inquérito à habitação rural em França, (ii) Inquérito à estrutura agrária francesa e (iii) Inquérito aos estrangeiros na agricultura francesa. Para cada um dos Inquéritos, o autor define o objetivo ou finalidade do estudo, indicando também os pontos principais sobre os quais deve incidir o questionário e o método do estudo, assinalando os meios a utilizar. Retomaremos adiante este Inquérito à habitação rural em França, pela classificação tipológica proposta e para confronto com o trabalho de Orlando Ribeiro. Podemos considerar que estas estruturas de inquérito, do conhecimento deste, foram as matrizes sobre as quais terá elaborado os seus inquéritos.

Orlando Ribeiro – Inquérito ao Habitat Rural

O texto *Inquérito ao Habitat Rural* de Orlando Ribeiro, publicado em 1938 e 1939 em edições sucessivas, pelo Instituto para a Alta Cultura, do qual Orlando Ribeiro era bolseiro ^v, está estruturado da seguinte forma: (i) Considerações Preliminares (ii) I- Habitação Rural (iii) II- Povoamento Rural (iv) III- Propriedade e Exploração da Terra. Em (i) o autor expõe: 1- Definição de estudo do povoamento rural, distinguindo-o do urbano, pelo modo de vida predominante da população, incluindo vilas pouco importantes a casas isoladas; 2- Metodologicamente vai considerar dois aspetos: morfológico (a forma) e genético; 3- Define o objetivo genérico do Inquérito: “*provocar respostas que auxiliem o estudo deste importante ramo da ciência chamada Geografia Humana*” (Ribeiro, 1991, p.283) e adianta, relativamente aos métodos, incluindo: investigações; exame e observação direta das povoações; exame de mapas, estatísticas e documentos históricos. Como resultado preliminar da observação local, estabelece desde logo seis alíneas, onde se esboça uma organização, mais tipológica que regional: a) Minho; b) Trás-os-Montes, Beira Transmontana, parte oriental da Beira Baixa; Alentejo e parte sul do Ribatejo; Beira Alta, Estremadura e Algarve Baixo; Ria de Aveiro; pontos dispersos do litoral, Póvoa de Varzim, Aveiro; 4- As questões de partida: “*como explicar os diversos tipos?*” (Ribeiro, 1991, p.285) e as hipóteses: causas naturais e históricas, avultando o regime da propriedade, a exploração da terra e o modo de vida dos habitantes; 5- Definindo o âmbito do trabalho,

considera que “*O estudo da casa é inseparável do das povoações*” (Ribeiro, 1991, p.285); uma parte importante do inquérito é dedicada à habitação rural com as dependências anexas; só interessam as casas de gente do campo; não parece haver qualquer formulário. Os pontos (ii) I, (iii) II e (iv) III respeitam ao inquérito propriamente dito, com as perguntas ordenadas numericamente.

2.2. Povoamento

Albert Demangeon- Tipos de Povoamento

Albert Demangeon (1927) define os grandes tipos de povoamento; refere os estudos anteriores de outros autores, conotados com a Geografia Humana em França e na Alemanha, elencando e fazendo a descrição das causas dos tipos do povoamento e sua localização. Assinala o contraste entre *habitat* disperso e *habitat* agrupado, em diferentes regiões e faz uma descrição visual de cada um dos tipos, adiantando que a observação das cartas topográficas de grande escala é suficiente para avaliar estas situações à distância, em qualquer parte do mundo. Quanto às causas, faz apelo a uma variedade de estudos, das condições naturais, sociais, demográficas, agrícolas até à História, no que “*constitui um dos aspetos mais originais da ciência dos modos de vida*” (Demangeon, 1927, p.1). Na análise que depois é apresentada, o autor conclui pela necessidade de considerar situações intermédias e mistas em relação àquela classificação inicial (Demangeon, 1927, p.3-9). Assinala a importância do estudo do *habitat* rural e da sua transformação ao longo do tempo, num mesmo país, considerando que as condições naturais não são suficientes para o explicar, devendo remontar-se às origens. São as condições do meio humano que podem determinar a evolução (Demangeon, 1927, p.9-23).

Orlando Ribeiro – Tipos de Povoamento

Orlando Ribeiro, em continuidade dos princípios e por influência de Demangeon e M. A. Lefèvre^{vi}, quanto ao *habitat* rural, utiliza o conhecimento prévio do país, num registo interdisciplinar (Daveau, 2008) e regional para desenvolver uma classificação tipológica do povoamento. No artigo “*L’Habitat Rural au Portugal*”, de 1938, comunicação apresentada ao Congresso da União Geográfica Internacional de Amsterdam, em 1938^{vii} Orlando Ribeiro (1991, p.289-298) apresenta um conjunto de notas preliminares, resultado de observações feitas em excursões pelo país e estudo de documentos cartográficos e estatísticos. Estabelece a ligação entre demografia, evolução demográfica e tipologia de povoamento (Ribeiro, 1991, p.289). O autor utiliza extratos das cartas de Portugal à escala 1:100000, de fragmentos-amostra com 100Km² para ilustrar os tipos de povoamento (Figura 1). Uma carta de conjunto apresenta a síntese da pesquisa, com a localização das amostras, a divisão do país em regiões e distritos, dando uma ideia da repartição demográfica (Ribeiro, 1991, p.297). Tal como Demangeon, releva também a importância interdisciplinar: “*uma classificação puramente morfológica, sem ter em conta a formação e evolução do habitat, revela-se superficial e, por vezes, arbitrária*” (Ribeiro, 1991, p.298).

Amorim Girão – Tipos de Povoamento

Amorim Girão, no capítulo da “Geografia de Portugal” dedicado ao povoamento, parte do princípio do “*instinto gregário do homem*” (Girão, 1941, p.258) para chegar às diferentes formas de distribuição das habitações na paisagem. Sem estabelecer distinções de natureza, mas antes traçando uma sequência, o argumento que começa na casa rural, primeiro marco de ocupação humana na paisagem, acaba nos assentamentos urbanos. Como se pode verificar na Figura 3 há pontos em comum com Orlando Ribeiro; são considerados quatro tipos de povoamento (Girão, 1941, p.258-263).

2.3. Casa Rural

Albert Demangeon- Quadro de Tipologias

Albert Demangeon (1920) apresenta um ensaio de classificação tipológica da habitação rural, com base na observação e trabalhos anteriores, sobretudo o de A. De Foville, *Enquête sur les conditions de l'habitation en France. Les maisons-types, 1894 e 1899*. O esquema tipológico que aqui se reproduz e sintetiza na Figura 5, foi depois revisto e sistematizado (Demangeon, 1936). O autor considera que a habitação do camponês “*representa o que há de permanente e de pessoal no estabelecimento humano; é ali que ele abriga os seus bens, as suas colheitas, os seus utensílios, os seus animais, o seu lar, a sua família*”. Modelada de acordo com os gostos e as necessidades do seu proprietário, como obra saída das suas mãos, dotada de vida por certa familiaridade, a casa é uma espécie de criatura, é “*a expressão, modelada pelos séculos, da vida rural*” (Demangeon, 1920, p.352). A grande variedade regional, não deriva tanto dos diferentes materiais e do seu tratamento, mas sobretudo pela sua organização interna. Resultante de uma longa evolução, herdando e sintetizando a experiência de muitas gerações, a casa “*forma, na realidade, um utensílio adaptado ao trabalho do camponês*” (Demangeon, 1920, p.353). Os elementos constitutivos de um tipo de habitação são: a natureza dos materiais de construção, correspondendo, no passado, aos do solo local, considerando a evolução e alterações que o fabrico e divulgação dos tijolos provocam, na feição das povoações, não permitindo já que se fale da influência direta dos materiais locais; a adaptação ao clima: as variadas e adequadas formas de proteção, evocam a ideia de um certo determinismo geográfico; a importância que o camponês dá à proximidade com os animais domésticos e de trabalho que possui, de tal maneira que os quer à mão e quase à vista (Demangeon, 1920, p.357).

Mais tarde, Demangeon (1936) conforme já referido, vai propor um triplo questionário, sendo o primeiro dedicado precisamente à Habitação Rural. O autor reitera o interesse do tema para a Geografia Humana, propondo-se continuar o programa elaborado em 1920. Importa aqui destacar as alterações introduzidas pelo autor na estrutura de tipos de habitação proposta em 1920 e a que corresponde o Quadro A^{viii}.

O trabalho sobre as questões tipológicas da habitação rural possibilitou a síntese que levou ao estabelecimento de dois grandes grupos, ou tipos, a casa-bloco e a casa-pátio. Oliveira e Galhano (1992) estruturam a pesquisa sobre a Arquitetura tradicional segundo estes pressupostos de Demangeon.

Quadro A - Tipos de habitação considerados por Albert Demangeon (1936)

CASA BLOCO Construção em que tudo se encontra sob o mesmo teto: dependências agrícolas, animais, habitações CASA TÉRREA Com muitas sub-variedades regionais, em que os espaços funcionais aparecem justapostos CASA DE PISOS Com os espaços funcionais sobrepostos, habitação no andar superior; animais e espaços comuns em baixo	CASA PÁTIO Construção composta por vários edifícios, organizados à volta de um pátio CASA de PÁTIO FECHADO CASA de PÁTIO ABERTO
--	---

Orlando Ribeiro- Quadro de Tipologias

Precedendo os aspetos diretamente relacionados com o estudo tipológico de Orlando Ribeiro, consideremos os inquéritos que, por um lado, o autor levou a cabo em relação ao habitat ou povoamento, atrás referidos, de 1938 e que incluem o capítulo “Habitação Rural” e, por outro, a seção do Inquérito de Demangeon (1936) que incide sobre a “Habitação Rural em França”, no Quadro B que se segue.

Quadro B – A Habitação Rural em França de Albert Demangeon e a Habitação Rural de Orlando Ribeiro.

DEMANGEON (1936) I- O Objetivo do estudo Compreende duas séries de pesquisas: A- A Arquitetura da Habitação -Os materiais de construção : terra, pedra, madeira, tijolos, etc -O Telhado , forma e materiais: colmo, telhas planas, redondas, ardósia, madeira, pedras; - As dimensões dos compartimentos, das aberturas, das paredes ; - Dispositivos de proteção : revestimentos de madeira, ardósia; cortinas arbóreas; - Decoração e ornamentação: cores, esculturas, desenhos, trepadeiras, etc; - Orientação	ORLANDO RIBEIRO (1ª Ed.1938; 2ª Ed. 1939, consultado em Ribeiro, 1991, p. 285-286) Considerações Preliminares Questionário , aspetos considerados: 1- Quais são os materiais de construção empregados? Pedra (granito, xisto, calcário, etc), adobes, tijolo, madeira, etc (em 1969 o autor acrescentaria o cimento) 2- Que forma tem o telhado ? De 1, 2, 4 águas, inclinação? Há coberturas em açoteia, cúpulas, etc? Material da cobertura: Telha, lousa, colmo, etc? 3- Como é a planta da casa? (juntar um desenho se for possível), dimensões da casa, das divisões . Quantos andares? Tem escada exterior, alpendre, varanda, coberta ou descoberta? Tem chaminé ? 4- As casas são rebocadas, caiadas, pintadas? As paredes são revestidas de lousa, madeira ou qualquer dispositivo de proteção ? 5- Qual a disposição e nº de aberturas ? Em que fachadas?
B- A Planta da habitação Consideração descritiva dos grandes tipos referidos, casa-bloco e casa-pátio [Ver Quadro anterior]	Na continuação, perguntas que procuram determinar o grupo tipológico em que a casa se insere, substituindo um levantamento arquitetónico, que não estava equacionado. 6- Nas casas com andar , para que serve o rés do chão? Os gados, utensílios e produtos da lavoura estão cobertos pelo mesmo teto da casa ou que posição relativa ocupam? Existe algum pátio ? 7- As casas são isoladas ou pegam umas com as outras? Têm orientações predominantes ? 8- Há tipos primitivos de habitação, abrigo ou arrecadações, casas redondas, sobre estacaria, temporárias para pastores e gado, etc? Que forma e materiais e nomes de designação?
II- O método de estudo 1º- É necessário repartir com exatidão e definir bem o trabalho de cada colaborador. Atribuir-se-á a cada um, segundo as suas preferências, uma circunscrição mais ou menos grande: comuna ou grupo de comunas, ou área administrativa maior, evitando que haja interferências entre domínios de pesquisa. O objetivo é constituir uma carta da distribuição dos tipos de habitação rural em todo o território francês. 2º- Será feita uma dupla análise: quantitativa, contando as casas de cada tipo e geográfica, localizando os tipos no mapa. 3º- Recolha de fotografias, execução de desenhos, plantas cotadas.	Nas considerações: as respostas devem seguir a ordem das perguntas do inquérito e sejam escritas em folhas soltas, só dum lado. Indicar a área abrangida: freguesia, concelho, região.

A casa rural é, para Orlando Ribeiro, uma expressão do modo de vida, revelando a influência do meio físico e dos aspetos económicos e sociais, “*símbolo de formas de civilização de que é talvez a mais característica expressão material, demarca, nos dois tipos fundamentais, a oposição entre o mundo de serranias e vales perdidos no isolamento e as planuras que a natureza e a história abriram as mais amplas influências mediterrâneas*” (Ribeiro, 1998 [1945], p. 95). Face ao Quadro de Tipologias apresentado na Figura 8, com

os elementos, sobretudo descritivos, que Orlando Ribeiro (1998 [1945]) oferece, concluiremos com Suzanne Daveau (2005), quando fala dos tipos básicos de casas rurais tradicionais, a partir destes mesmos dados, de Amorim Girão e de Veiga de Oliveira. Diz a autora que esquematicamente se distinguem dois grandes tipos de casas rurais, as do Norte e as do Sul, com as características apontadas por Orlando Ribeiro. “*A casa rural utiliza, na maior parte dos casos, os materiais de construção localmente disponíveis, mas a sua fisionomia depende sobretudo de tradições sociais, em boa parte inconscientes*” (Daveau, 2005, p.148-149). Reconhecemos aqui também a recondução tipológica a dois grandes grupos, tal como Demangeon. A diferença é que a classificação de Orlando Ribeiro é sobretudo regional e a de Demangeon é tipológica no sentido estrito, aplicável a um número ilimitado de situações, também as regionais.

Amorim Girão- Quadro de Tipologias

Amorim Girão trata do tema das casas de habitação como “*a primeira marca do homem na paisagem*” (Girão 1941, p.249), e refere-se “*à casa rural, habitada pelos que se empregam no trabalho da terra, a qual está sempre mais integrada no ambiente que a rodeia*”. Elementos da classificação tipológica:- Os materiais de construção, das proximidades, são o que de imediato faz a ligação da casa rural à Geografia, através da Geologia, onde também não falta a argila e a areia, bem como a madeira (Girão, 1941, p. 250): 1- Regiões graníticas, Norte e Centro; 2- Zonas de contato do granito com o xisto; 3- Zonas de xisto; 4- Regiões calcárias do Centro do País; 5 -Zonas de arenito; 6- Orlas secundárias e terciárias, de afloramentos eruptivos, como ofitos, dioritos e basaltos; 7- Zonas de terreno sedimentar ou aluvial: opção pelo tijolo, adobe, argamassa, cimento. Quanto às coberturas, “*tem-se generalizado o uso da telha*”, mas ainda se empregam a lousa, o colmo e até a giesta (Girão, 1941, p.251). b) As formas típicas variam em função do meio, tendo em conta dois fatores: materiais e clima. Este último vai influenciar a altura da casa— com andares no Norte em virtude da pluviosidade e humidade, sendo os telhados de várias águas e grande inclinação; no Sul as habitações são mais baixas pela secura do ar e do solo e os telhados menos inclinados (Girão, 1941, p.253). A figura 7 sintetiza as conclusões do autor, que refere Demangeon a propósito de a casa aldeã ser, segundo este, um fato de economia agrícola e, mais ainda que aos materiais se deve atender à estrutura e plano interno (Girão, 1941, p.255).

3. Inquérito à Arquitetura Regional

A terceira parte de capítulo promove, à semelhança da segunda, uma análise dos contributos dos arquitetos portugueses, no âmbito da realização do Inquérito à Arquitetura Regional, para a estruturação de métodos de análise tipo-morfológica, considerando as mesmas rubricas, o Povoamento e a Casa Rural, elementos estruturantes no estudo do *habitat*.

3.1. Contexto, antecedentes e planificação

Apresentado como consequência imediata do Congresso Nacional de Arquitetura de 1948 (Tostões, 1997, p.159; França, 2009, p.297-298), a realização do Inquérito tem no arquiteto Keil do Amaral, uma figura de

destaque pela sua influência pessoal e pelas diligências junto das entidades oficiais, embora sem êxito (AAP, 1980, p.XIII). É na sequência de uma nova solicitação da parte da direção do Sindicato, em 1954, que tem início o processo, com a publicação do Decreto Nº 40 349 de 19 de Outubro de 1955. Keil do Amaral tinha publicado, em 1947, um texto, “Uma Iniciativa Necessária”, lançando a ideia do Inquérito contra os mal-entendidos quanto à Arquitetura Portuguesa (Amaral, 1999 [1947], p.125). O objetivo é a *“recolha e classificação de elementos peculiares à Arquitetura portuguesa nas diferentes regiões do país, com vista à publicação de um livro”*, onde se pudessem encontrar as *“bases para um regionalismo honesto”* (Amaral, 1999 [1947], p.125). Ele preconiza que se procure na Arquitetura Popular a identidade do país, averiguando as diferentes formas de adaptação às condições de vida; de onde resultarão lições para os arquitetos e a sua prática profissional (Amaral, 1999 [1947], p.125). Preconiza ainda os métodos e os recursos para o empreendimento (Amaral, 1999 [1947], p.126). No mesmo ano de 1947, o arquiteto Fernando Távora (1923-2005), no Porto, publica o texto “O Problema da Casa Portuguesa”, o qual já havia sido divulgado em 1945. Parte da crítica à Casa à Antiga Portuguesa, e ao distanciamento cada vez maior em relação à modernidade. Aponta um caminho que passa pelo estudo do meio português e da Arquitetura Portuguesa existente. Também para Távora a Arquitetura Popular continha lições, pois a casa popular *“é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções”* (Távora, 1947). Foram decerto estes princípios que orientaram na ESBAP iniciativas que antecipavam o Inquérito e para ele contribuíram^x. Em Lisboa, Nuno Teotónio Pereira, após o curso de Arquitetura, vai frequentar algumas aulas de Orlando Ribeiro na Faculdade de Letras (Tostões, 2004), sem qualquer ligação à ESBAL. O Decreto-Lei nº 40 349 definia as condições, processos gerais e os objetivos do trabalho cometido ao Sindicato Nacional dos Arquitetos, destacando-se a fixação ou recuperação de tradições construtivas pelo seu *“valor prático para o desejado aporuguesamento da Arquitetura moderna no nosso País”*.

Planificação

O Inquérito respondeu a um conjunto de objetivos e de métodos conforme indicado no documento ‘Planificação’^x do Sindicato Nacional dos Arquitetos (s.d.).

Este documento definia a composição das equipas, o papel do chefe de equipa, as remunerações e os prazos, bem como os aspetos sobre os quais se deveria incidir: esclarece-se *“mais uma vez, que não se trata de fazer um inventário dos elementos arquitetónicos, dos edifícios, e dos conjuntos, com interesse pitoresco ou monumental, mas de estudar as raízes regionais daqueles aspetos das edificações e dos aglomerados, evidenciando a sua coerência”*. As zonas de cada equipa permitem a seleção de áreas mais significativas, não se trata de um levantamento exaustivo. Constam indicações relativas a metodologias, nomeadamente o que respeita a fotografias e desenhos. O Sindicato fornece: a) mapa geral do país com o estado das estradas (ACP); b) mapa geral do país editado pela casa MICHELIN; c) cartas das estradas nacionais, municipais e caminhos, da zona sobre a qual incide o inquérito (JAE); d) cartas da zona do inquérito, à escala 1:50000 (IGC) ou, se for possível, as Cartas do Estado Maior à escala 1:25000^{xi}.

3.2. O Povoamento no Inquérito à Arquitetura Regional

Na ausência ou rarefação de referências bibliográficas e documentais, conforme se pode verificar, na obra *Arquitetura Popular em Portugal* (AAP, 1980), a busca das origens da cartografia e outros elementos apresentados foi aqui limitada ao assunto do povoamento. Do exposto na segunda parte deste capítulo referente à análise do povoamento através de Orlando Ribeiro, podemos verificar que este geógrafo, portador dos conceitos, princípios teóricos e práticos que informavam à época uma Geografia dos Assentamentos, incluindo metodologias de inquérito ao *Habitat*, vai dar um contributo importante, diretamente, através de vários contatos e indiretamente com a sua obra, para a análise geográfica e interdisciplinar, que os arquitetos vão empreender ao lançarem mão do trabalho que se propuseram. A legenda da Figura 4 explicita alguns aspetos que provam aquela filiação^{xii}.

3.3. A Casa Rural no Inquérito à Arquitetura Regional – Quadros tipológicos

Os Quadros Tipológicos que todas as equipas produziram, com exceção da Zona 5, não contemplam só a habitação; parecem obedecer a uma estrutura dada, ainda que seja evidente o grau de liberdade de cada equipa. Uma análise de conjunto evidencia desde logo que os arquitetos não partiram de tipos dados e, obedecendo às orientações (AAP, 1980), procuravam adaptar-se à variedade arquitetónica que iam encontrando, divididos entre o deslumbramento permitido pelo olhar do arquiteto e a necessidade de colher o essencial. O confronto possível dos Quadros Tipológicos da obra em apreço, entre si e depois considerados no seu conjunto, tendo em atenção a síntese tipológica para a qual tende a Geografia Humana, devolve-nos a ideia de que os arquitetos desenvolveram um trabalho extraordinário, também de ensaio de classificação final dos tipos arquitetónicos em cada zona. Mas não chegaram a fazer uma verdadeira sistematização tipológica segundo o método dos geógrafos e de acordo com a definição de tipo (Rossi, 2001, p.52).

3.3. Síntese da Análise ao Inquérito da Arquitetura Regional

A publicação “*Arquitetura Popular em Portugal*” foi objeto de reedições a partir da sua primeira edição, de 1961. Para esta pesquisa, utilizámos a 2ª edição, de 1980. De acordo com o estudo dos antecedentes, sobretudo no que dizia respeito às metodologias e pela consulta da obra, tornavam-se evidentes as variações e adaptações consentidas às equipas. Embora haja uma base comum que plasma a orientação inicial e talvez de edição, o conjunto resulta heterogéneo, na estruturação dos assuntos, na apresentação, o que não permite um confronto imediato entre os vários aspetos tratados. O objetivo desta pesquisa é reconhecer as metodologias de inquérito e levantamento, patentes na publicação em causa, os critérios utilizados e em que medida foi feita uma aproximação à análise tipo-morfológica integrando os aspetos relativos às condições geográficas, históricas e culturais de cada zona. Estabeleceu-se uma grelha com os seguintes aspetos a determinar para cada Zona:- Introdução: determinar se o texto a inclui ou não e quais os conteúdos;- Definição de objetivos;- Dificuldades expressas;- Fundamentos Teóricos;- Referências

bibliográficas;- Metodologias expressas e implícitas;- Material Gráfico e Elementos de Exposição e Análise;- Estrutura do Texto; - Avaliação de Análise tipo-morfológica, - Conclusões.

Os textos que referem expressamente os objetivos específicos do estudo são: - Zona 1: Os arquitetos pretendem “*captar e fazer sentir a realidade arquitetónica desta Zona*” (AAP, 1980, p. 5);- Zona 2: Pretende-se contribuir para os estudos dos assuntos relacionados com o *Habitat*, graduando os respetivos complexos na região e também dar o tom geral da Arquitetura (AAP, 1980, p.118);- Zona 6: Diferenciar a Beira Mar do Interior é um dos objetivos principais na escolha dos objetos de estudo (AAP, 1980, p.587).

As restantes equipas não parecem preocupadas em assinalar objetivos, talvez porque contassem com os definidos em conjunto, como na Zona 5, em que os objetivos implícitos são: investigar e transmitir o partido arquitetónico, as lições a recolher da Arquitetura espontânea (AAP, 1980, p.510).

Quanto a metodologias, no que se refere a pesquisa bibliográfica, respetivas referências, o Inquérito é extremamente avaro. Com exceção da zona 1 e da 6 e mesmo assim incompletas, não há indicações, a não ser um nome de autor ou título, como se tivesse ficado ali por engano. De um modo geral as metodologias estão implícitas, destacando-se: - Utilização de cartografia, com proveniências não indicadas;- Utilização de fotografia;- Idem de desenhos de levantamento de Arquitetura; desenhos de conjuntos urbanos;- Método descritivo, para materiais de construção, processos construtivos, paisagem, etc.;- Método dedutivo.

4. Conclusões

Podemos concluir, em primeiro lugar, que a presente análise torna evidente a importância do tema do *Habitat Rural* (i) na concepção do quadro temático e programático que guiou a Arquitetura Internacional e Portuguesa na década de 50 do século XX; (iii) na construção de modelos de análise tipo-morfológica, por via de uma prática de realização de inquéritos ao *Habitat Rural*; (iii) e na delimitação de uma linha de pensamento tipo-morfológica, de raiz francesa, liderada por Albert Demangeon, no quadro de uma Geografia dos Assentamentos, oferecendo-se assim um retrato mais alargado sobre as origens dos estudos de tipo-morfologia e complementando-se o quadro de três escolas identificadas pelo ISUF.

O presente capítulo permite ainda confirmar a existência dos mesmos princípios tipo-morfológicos em Portugal durante a década de 40 do século XX, através da divulgação dos escritos de Albert Demangeon, por influência dos geógrafos portugueses. Destaca-se o contributo de Orlando Ribeiro tanto na importação dos conhecimentos teóricos e metodológicos para Portugal, como também no seu papel central de aproximar os conhecimentos da Geografia aos arquitetos. Nomeadamente, no que concerne à determinação do estudo do *habitat* por via da análise tipo-morfológica do povoamento e da casa rural.

Quanto ao Inquérito à Arquitetura Regional, face aos elementos de análise e confronto aqui coligidos e que não esgotam qualquer nível de investigação sobre o trabalho dos arquitetos, julgamos poder adiantar as seguintes conclusões:- Sublinhando a diferença que se encontra patente entre os métodos preconizados pelos geógrafos e os dos arquitetos, verificamos que, no primeiro caso, estes são pragmáticos e expostos internacionalmente à comunidade científica, enquanto no segundo caso, a sua leitura é mais fluida e

subjetiva, mas mais abrangente e polémica; - Ensaaiando um olhar diferente para os mesmos objetos de estudo, o Inquérito propõe uma nova abordagem da Arquitetura Popular: - Interdisciplinar, configurando desde logo um registo de análise tipo-morfológica: de relevar a importância dada às introduções geográficas e enquadramento dos aspetos da Geografia, à História, à Cultura Arquitetónica, aos aspetos da Antropologia Cultural e modos de vida (sobretudo a equipa da Zona 2); - Em que se acentuam as especificidades regionais, salientando-se a dificuldade de estabelecer limites geográficos às tipologias definidas; incluindo a perceção da existência de formas de transição e de variantes na Arquitetura, embora os Quadros Tipológicos não reflitam essa complexidade. Podemos, em síntese, considerar o Inquérito à Arquitetura Regional, como o lugar da primeira aproximação a uma sistematização tipológica da Arquitetura Popular, aproximação esta que se processa justamente pela via da análise tipo-morfológica, cujos reflexos posteriores na prática da Arquitetura e Urbanismo e na investigação e cultura arquitetónicas no nosso país, configuram um objeto de aprofundamento para a Morfologia Urbana em Portugal.

Referências

- Amaral, I (1968) *A Geografia através dos seus congressos internacionais*. Finisterra nº 5, p. 84-101
- Amaral, K (1999 [1947]) Uma Iniciativa Necessária. In CML (1999) *Keil do Amaral. O Arquiteto e o Humanista*, CML, Lisboa, p.125-126.
- Associação dos Arquitectos Portugueses (1980) *Arquitectura Popular em Portugal*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa.
- Choay, F; Merlin, P (1986) *A propos de la morphologie urbaine*. Tome 1, rapport de synthèse. Rapport Laboratoire 'Theories des Mutations Urbaines en Pays Développés', Université de Paris VIII, Institut d'urbanisme de l'Académie de Paris, Paris.
- Conzen, M R G (2004) *Thinking about Urban Form. Papers on Urban Morphology, 1932-1998*, Oxford, Peter Lang.
- Daveau, S (2005) *Portugal Geográfico*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- Daveau, S (2008) Os Anos de Formação de Orlando Ribeiro, *Finisterra*, XLIII, 85, p. 19-34.
- Demangeon, A (1909) Enquêtes Regionales. Type de questionnaire. *Annales de Géographie*, t. 18, nº 97, p. 78-81.
- Demangeon, A (1920) L'Habitation Rurale en France, *Annales de Géographie* 29 (161), 352-375.
- Demangeon, A (1926) Un Questionnaire sur L'Habitat Rural. *Annales de Géographie*, t. 35, nº 196, p. 289-292.
- Demangeon, A (1927) La Géographie de L'habitat Rural, *Annales de Géographie* 36 (199), 1-23.
- Demangeon, A (1934) Economie agricole et peuplement rural. *Annales de Géographie*, t. 43, nº 241, p.1-21.
- Demangeon, A (1936) Trois questionnaires et trois enquêtes de géographie humaine, *Annales de Geographie*, t. 45, nº 257, p. 512-518.
- Deyong, S (2011) Planetary habitat: the origins of a phantom movement, *The Journal of Architecture*, 6 (2), 113-128.
- Dias, F S (1999) Keil do Amaral e o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa. In CML (1999) *Keil do Amaral. O Arquiteto e o Humanista*, CML, Lisboa, p.113-117.
- França, J A (2009) *A Arte em Portugal no sec. XX. 1911-1961*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Gauthiez, B (2004) The history of urban morphology, *Urban Morphology*, 8 (2), 71-89.
- Girão, A A (1941) *Geografia de Portugal*, Portucalense Editora, Porto.
- Girão, A A (1946) *Geografia Humana*, Portucalense Editora, Porto.

- Glendinning, M (2009) Cold-war conciliation: international architectural congresses in the late 1950s and early 1960s, *The Journal of Architecture*, 14 (2), 197-217.
- Heineberg, H (2006) German geographical urban morphology in an international and interdisciplinary framework, *Urban Morphology*, 11 (1), 5-24.
- Lima, V, Távora, F, Filgueiras, O (1959) Tese ao X Congresso do CIAM, *Arquitectura*, 64, 21-28.
- Maronne, E (1925) Le Congrès du Caire et l'avenir des Congrès géographiques internationaux. *Annales de Géographie*, XXXIV, p.113-132.
- Moniz, G C (2011) *O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 e as Escolas de Belas Artes em Portugal (1931-69)*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Departamento de Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Moudon, A V (1989) The Role of Typomorphological Studies in Environmental Design Research, *Proceedings of EDRA 20 (Environmental Design Research Association)*, Oklahoma City.
- Moudon, A V (1994) Getting to Know the Built Landscape: Typomorphology, in K A Franck, L H Schneekloth (eds) *Ordering Space: types in architecture and design*, Van Nostrand Reinhold, New York, 289-311.
- Moudon, A V (1997) Urban morphology as an emerging interdisciplinary field, *Urban Morphology*, 1 (1), 3-10.
- Mumford, E (2000) *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*, MIT Press, Cambridge.
- Oliveira, E V; Galhano, F (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Dom Quixote, Lisboa.
- Ribeiro, O (1938a) L'habitat rural au Portugal, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Amsterdam* (Travaux des Sections A-F), Leiden, UGI, p. 137-144.
- Ribeiro, O (1938b) L'habitat rural au Portugal, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 9-10, p. 402-411.
- Ribeiro, O (1938c) *Inquérito de Geografia Regional*, Instituto para a Alta Cultura, Coimbra.
- Ribeiro, O (1939) *Inquérito do Habitat Rural*, Instituto para a Alta Cultura, Coimbra.
- Ribeiro, O; Lautensach, H; Daveau, S. (1989) *Geografia de Portugal. Volume III - O Povo Português*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- Ribeiro, O (1991) *Opúsculos Geográficos. IV Volume. O Mundo Rural*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Ribeiro, O (1998) *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, Livraria Sá da Costa, Lisboa. 1ª ed. 1945.
- Rossi, A (2001) *A Arquitectura da Cidade*, Cosmos, Lisboa.
- Sindicato Nacional dos Arquitectos (s.d.) Planificação. (cópia de documento original datilografada pelo SNA) Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa.
- Stone, K H (1965) The Development of a Focus for the Geography of Settlement, *Economic Geography*, 41 (4), 346-355.
- Távora, F (1947) *O Prolema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura*, Série 1, Editorial Organizações, Lisboa.
- Tostões, A (1997) *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Publicações FAUP, Porto.
- Tostões, A (coord.) (2004) *Arquitectura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Quimera, Lisboa.
- United Nations (1950) *Yearbook of the United Nations 1948-49*, New York, United Nations.
- Whitehand, J W R (2012) Issues in Urban Morphology, *Urban Morphology*, 16 (1), 55-65.
- Whitehand, J W R (2001) Editorial comment. Meeting of Minds?, *Urban Morphology*, 5 (1), 1-2.
- Whitehand, J W R (2007) Conzenian Urban Morphology and Urban Landscapes, *Proceedings of 6th International Space Syntax Symposium*, Istanbul.
- Whitehand, J W R, Larkman, P J (1992) *Urban Landscapes: An International Perspective*, Routledge, London.
- Wolff, D (2006) Albert Demangeon: un géographe face au monde rural (jusqu'en 1914), *Ruralia*, n°18-19, p. 187-209.

ⁱ M. R. G Conzen teve uma formação inicial em Geografia, História e Filosofia obtida na Universidade Friedrich-Wilhelms em Berlim, entre 1926 e 1931, que mais tarde foi complementada na Inglaterra, por um Diploma em Planeamento Urbano e Territorial (1934-1936), na Victoria University of Manchester, aquando da sua fuga ao regime alemão Nazi em 1933. Na sua formação académica consta ainda uma pós-graduação em Geografia, também na Victoria Manchester University (1937-1942) e um doutoramento atribuído pela Giessen Univeristat, na Alemanha, em 1963 (Conzen, M. R. G., 2004).

ⁱⁱ Orlando Ribeiro, geógrafo cuja formação francesa em Paris (1937-1940) tanto releva para o âmbito deste estudo, porque aí tomou contato com os avanços da Geografia, nas pessoas dos mestres, E. Martonne e A. Demangeon (Daveau, 2008), fundador e dinamizador do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Lisboa, participou nos Congressos da União Geográfica Internacional a partir de 1938, tendo organizado o de 1949, em Lisboa. O. R. é uma figura incontornável da Geografia em Portugal, não só pelo contributo conceptual, interdisciplinar, científico e internacional à disciplina, como também pela grande influência que exerceu, pessoalmente e através dos seus escritos, aulas, comunicações e iniciativas, no incentivo ao aprofundamento científico, à integração de todos os aspetos do conhecimento e da cultura no estudo da atividade humana “num quadro físico que a sustenta e em larga parte a condiciona” (Daveau et al. Orlando Ribeiro, renovador da Geografia em Portugal [em linha] consulta a 07/06/2013. URL: <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>; CATÁLOGO Exposição- Orlando Ribeiro (1911-1997) Ponto de Partida, Lugar de Encontro. BNP, IGOT, CEG, Lisboa).

ⁱⁱⁱ A Geografia em Portugal só ganhou dimensão universitária a partir de 1922, com o doutoramento em Coimbra de Amorim Girão, geógrafo e professor daquela Universidade, que contribuiu para o avanço científico da disciplina, através de estudos e publicações, nomeadamente a Geografia de Portugal (Girão, 1941; Girão, 1946), Cartografia de valor desigual e o primeiro Atlas de Portugal em 1941, ampliado em 1958. Desenvolveu o seu trabalho sem sair de um quadro regional e nacional (Ribeiro, O. Materiais para um Atlas Nacional de Portugal. 1967), mas participou no Congresso Internacional de Geografia realizado em Lisboa em 1949 (comunicações publicadas em atas do Congresso).

^{iv} Algumas referências a Demangeon: Opúsculos Geográficos, Vol. IV, p. 307 e p. 373, como a figura incontornável no tema do povoamento rural (Ribeiro, 1991).

^v Para este estudo foi utilizado o artigo correspondente “Inquérito do Povoamento Rural”, inserido em Ribeiro (1991), p. 283-288, com revisão do autor de 1969.

^{vi} M.A. Lefèvre, geógrafa belga, referida por Stone (1965), teve um papel importante na definição dos princípios do estudo sobre o Habitat rural, trabalhando no seu país e participando nas atividades e divulgação científica no âmbito da Geografia Humana. Amiga e mestra de Orlando Ribeiro, está em Lisboa em 1949 a participar no Congresso da U.G.I., sendo nomeada para os corpos sociais, com Orlando Ribeiro (Amaral, 1968).

^{vii} Para esta investigação e para elaboração da Figura 1, Tipos de Povoamento, foi utilizado o artigo correspondente “Inquérito do Povoamento Rural”, inserido em Ribeiro (1991), p. 289-298. Chama-se também a atenção que a comunicação “L’Habitat Rural au Portugal”, de Orlando Ribeiro, de 1938, foi publicada em duas edições no mesmo ano (Ribeiro, 1938a; Ribeiro, 1938b).

^{viii} O autor admite as numerosas formas de evolução destes tipos e todos os que se podem designar como casas elementares: com dois compartimentos ou mesmo um só; casas subterrâneas e sobretudo casas temporárias, nas montanhas.

^{ix} Em Portugal, o interesse pelo estudo do Habitat pelos Arquitetos é sobretudo evidente na Escola Superior de Belas Artes do Porto, a partir de 1953, com a presença de Orlando Ribeiro e através das iniciativas pedagógicas e trabalhos escolares que anteciparam o Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (Moniz, 2011).

^x Cópia de documento original cedido pelo arquiteto António Meneres.

^{xi} Silva Dias (1999), participante no Inquérito, na Zona 4, adianta, em relação às orientações: “cada equipa deveria adaptar esse guião aos métodos de análise que considerasse mais adequados às características da zona que estudava, sugerindo que se olhasse sempre para os seguintes aspetos: Caracterização regional da área em estudo, o relevo, a geologia, o clima, os cultivos, a divisão da propriedade, as estruturas de povoamento, a economia, a história, a cultura, para daí inferir tipologias de edifícios e morfologias de aglomerados, tendo presente uma grelha “multi-critério”, com entradas correspondentes a programas, materiais, processos construtivos, elementos formais caracterizantes, número de pisos, organização interna, relação com a envolvente e todas as outras que as equipas entendessem necessário incluir de acordo com a realidade observada” (Dias, 1999, p.116).

^{xii} Referências bibliográficas e documentais (Figura 4), assinaladas de forma incompleta e que é possível reconstituir: **Legenda:** (1) Zona 1: Ribeiro (1955) Tomo V, in Téran, Manuel de (1955) Geografia de España y Portugal (Montaner y Simón, Barcelona)]. (2) Zona 1; Zona 2; Zona 3; Zona 4; Zona 6: Idem (3) Os recortes ilustrativos dos tipos de povoamento terão sido reproduzidos a partir das cartas militares à escala 1: 25 000. ZONA 5: (a) Girão, Amorim A. (1933) Esboço de uma Carta Regional de Portugal (Imprensa da Universidade, Coimbra); ZONA 6 (pela ordem do texto): (b) Ribeiro, O. (1998) [1945] Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, p. 189 (Mapa VI- Divisões Geográficas); Silva Lopes (1841) [Silva Lopes, J. B. (1841) Corografia ou Memória económica, estadística e topográfica do Reino do Algarve]; Lautensach (1932-1937) [obra sobre Portugal, editada em alemão]; Medeiros Gouveia; [Gouveia, Medeiros (1938) Algarve: Aspectos Fisiográficos. Dissertação doutoramento Universidade de Coimbra, Ciências Geográficas]; Mariano Feio [Feio, Mariano (1952) A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve: Estudo de geomorfologia]; Alexandre Herculanio [História de Portugal]; Corografia de P. Carvalho, III (1712) [Costa, António Carvalho (1868-9) Corografia Portuguesa, e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal...].